

A constituição do sujeito em Michel Foucault:
práticas de sujeição e práticas de subjetivação

Marcela Alves de Araújo França CASTANHEIRA

Adriano CORREIA

Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia – UFG

marcelafcastanheira@gmail.com

Bolsista REUNI/ CAPES

Palavras-chave: sujeito, objetivação, subjetivação, governo

INTRODUÇÃO

O trabalho que está sendo desenvolvido e que aqui será exposto parcialmente pretende investigar a constituição do sujeito a partir do pensamento de Michel Foucault. Por um lado, o sujeito é constituído a partir de imposições que lhe são exteriores, sendo compreendido como um produto das relações de saber e de poder; por outro, o sujeito é constituído a partir de relações intersubjetivas em que há espaço para a manifestação da liberdade que possibilita a criação de si mesmo como um sujeito livre e autônomo. Em linhas gerais, buscaremos apresentar e discutir essa tensão entre a constituição de um sujeito passivo e de um sujeito ativo.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi utilizado o método bibliográfico qualitativo, tendo como material a literatura primária e secundária à disposição para a compreensão do pensamento de Michel Foucault, especialmente as obras do final da vida do autor, que concernem especificamente ao tema da relação entre governo – verdade – subjetividade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os escritos iniciais de Michel Foucault buscam compreender os discursos em que o próprio sujeito é colocado como objeto de saber possível, compreender quais são, diz Foucault, “os processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento.”

(FOUCAULT, 2004, p. 236) Os chamados processos de subjetivação¹, nesse caso, referem-se ao modo como o próprio homem se compreende como sujeito legítimo de determinado tipo de conhecimento, ou melhor, como o sujeito percebe a si mesmo na relação sujeito-objeto. Os processos de objetivação, por sua vez, dizem respeito ao modo como o sujeito pôde se tornar um objeto para o conhecimento. A objetivação e a subjetivação são, portanto, processos complementares que se relacionam por meio do que Foucault resolveu chamar de jogos de verdade.

Por jogos de verdade o autor compreende “não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso.” (FOUCAULT, 2004, p.235) Isso significa dizer que os jogos de verdade são os modos pelo quais os discursos podem ou não se tornar verdadeiros de acordo com as circunstâncias em que são ditos; a maneira pela qual um determinado tipo de objeto se relaciona com o sujeito. No caso do aparecimento das ciências humanas deparamo-nos com práticas discursivas em que o sujeito torna-se o objeto privilegiado de investigação e de discursos que podem ser verdadeiros ou falsos. Temos, deste modo, o sujeito compreendido como objeto de conhecimento e, ao mesmo tempo, sujeito detentor deste conhecimento.

Todavia, parece que Foucault, ao examinar a relação entre os jogos de verdade e a objetivação do sujeito nas ciências humanas, foi conduzido às relações de poder, já que na sociedade os discursos das ciências humanas funcionam não apenas como práticas discursivas, mas, sobretudo, como práticas coercitivas. Perceber essa relação entre poder e saber levou Foucault a reformular a pergunta inicial de suas pesquisas: não mais examinar como os discursos das ciências humanas galgaram ao estatuto de verdade, mas refletir sobre as condições históricas, políticas e econômicas que possibilitaram seu surgimento. O que lhe interessa é complementar a análise do saber a partir da articulação entre os discursos de verdade e as práticas sociais e institucionais, isto é, compreender como os saberes se tornam dispositivos políticos que auxiliam os mecanismos de poder. A preocupação de Foucault volta-se, então, para os efeitos coercitivos das práticas discursivas e das práticas institucionais, que funcionam em uma dinâmica circular em que a mecânica do poder reclama os efeitos de verdades.

¹ De forma geral, os processos de subjetivação referem-se às relações que são definidas de si consigo.

A genealogia do poder é, então, requisitada para complementar as pesquisas precedentes sobre as ciências dos homens, uma vez que examina as práticas não-discursivas que não são tratadas na arqueologia e, ao mesmo tempo, fixa a circularidade entre os regimes de poder e os regimes de saber. Nesse contexto, a ideia fundamental de Foucault é que o sujeito da genealogia é o sujeito dos mecanismos de poder na medida em que ele é constituído pelas técnicas de sujeição.

Todavia, para Foucault, afirmar que o sujeito é um efeito das relações de poder e das relações de saber não significa que ele está submetido a uma força incontornável que predispõe os acontecimentos. Poder-se-ia pensar que falar em sujeitos livres seria uma contradição em termos, já que sujeito é aquele que está sendo sujeitado, contudo, para Foucault, mesmo sendo sujeitados os indivíduos possuem um campo de possibilidade para várias condutas e diversos comportamentos.

Desse modo, o sujeito é livre, pois “se há relações de poder em todo o campo social, é porque há liberdade em todo lugar.” (FOUCAULT apud MAGALHÃES, 2008, p.13) Para Foucault, o poder só pode se exercer sobre sujeitos livres e na medida em que são livres. Sendo o poder compreendido como uma relação de forças, ele só pode se exercer sobre algo que é livre, pois, se não houvesse possibilidade de resistência e de reação não seria necessário o exercício do poder, já que nada poderia ser diferente do que já é. Se em uma relação de poder um dos lados estiver completamente à mercê do outro, não há possibilidade de exercício do poder, pois haveria apenas violência e domínio completo. Devemos compreender a relação entre poder e liberdade não em termos de exclusão mútua, mas como um par que se provoca a cada instante.

Mesmo assim, a liberdade é reduzida à resistência na medida em que se apresenta como uma possibilidade de reagir às forças que lhe são impostas. E, nesse sentido, configura-se como uma não-liberdade ou uma liberdade negativa já que não significa a possibilidade de agir como lhe aprouver, mas refere-se antes à possibilidade de reagir, de responder às relações de poder à qual se está sujeito. A liberdade dos indivíduos pode ser entendida assim: diante da mesma situação as pessoas podem reagir de maneiras muito diferentes.

Temos, portanto, um sujeito constituído pela objetivação do sujeito nas ciências humanas e pela subjugação a procedimentos do poder. Contudo, nos

últimos escritos de Foucault ocorre um deslocamento: não é mais o caso de se falar de técnicas de individuação ou de técnicas de sujeição, mas da constituição de um sujeito ativo e autônomo. A relação do sujeito com os jogos de verdade não está sendo mais pensada a partir de uma prática coercitiva, mas a partir de uma prática de autoformação desse sujeito.

Foucault ocupa-se com as relações intersubjetivas voltadas para um exercício sobre si mesmo por meio do qual se busca o seu modo de ser e pelo qual se exerce a liberdade. Isso quer dizer que a partir de um exercício sobre si mesmo, do governo de si, do controle de apetites e de domesticação de afetos, o sujeito escolhe seu modo de ser e a maneira como pretende se portar. É uma maneira ativa do indivíduo constituir a parte mais secreta de sua subjetividade, compreendendo por subjetividade “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo.” (FOUCAULT, 2004,p. 236)

Temos, assim, de forma geral, o movimento do sujeito no interior da obra de Foucault: primeiramente, temos o sujeito objetivado nas ciências humanas, depois temos o sujeito como produto das relações de poder e, por fim, encontramos o sujeito livre e capaz de constituir a si mesmo. No entanto, algumas coisas devem ainda ser esclarecidas nesse movimento de pensamento realizado pelo filósofo, uma vez que não é evidente a articulação entre esses três modos de pensar o sujeito.

Como o sujeito é constituído a partir de práticas que lhe são exteriores e que lhe subordina e ao mesmo tempo por práticas de si que são relações interiores e autônomas? As maneiras de constituição do sujeito e da subjetividade são fundadas em instâncias exteriores ou no interior do próprio sujeito? Essas são algumas questões que pretendemos discutir.

CONCLUSÕES

A discussão do problema acima exposto deve ser realizada fundamentalmente a partir de um deslocamento operado por Foucault em seus escritos do final da década de 1970, qual seja, da noção de saber-poder para a noção de governo dos homens pela verdade. Se antes a noção de saber-poder funcionava como uma chave de análise das técnicas, procedimentos e tecnologias de sujeição e dominação que constituem o sujeito (como a figura do sujeitado, do produto das relações que lhe são exteriores), a ideia de governo, entendida como

mecanismo e procedimento destinado a conduzir as condutas dos homens, permitiu a elaboração de uma nova chave de interpretação do modo como o poder atua e como é possível limitar essa atuação. É a partir do desenvolvimento dessa noção que Foucault percebe que o exercício do poder está sempre ligado a dois elementos: à subjetividade e à verdade. No entanto, resta ainda investigar *como* o poder não pode se exercer sem que a verdade se manifeste, e se manifeste na forma da subjetividade.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade.” In: *Ética, sexualidade e política*, por Michel FOUCAULT, 264-287. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

_____. *A Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Do Governo dos Vivos*. São Paulo/ Rio de Janeiro: CCS-SP/ Achiamé, 2010.

_____. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985

_____. “Política e Ética: uma entrevista.” In: *Ética, Sexualidade e Política*, por Michel FOUCAULT, 218-224. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004

GROS, Frédéric. “O cuidado de si em Michel Foucault.” In: *Figuras de Foucault*, por RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (org). São Paulo: Autêntica, 2006.

MAGALHÃES, Theresa Calvet de. “Violência e/ou poder.” In: *Poder, normalização e violência. Incursões foucaultianas para a atualidade*, por Org. Izabel C. Friche Passos. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.